

Poema de Amor Pós-Colonial e O vento espalha minha voz originária: possíveis confluências entre as poéticas de Natalie Diaz e Eliane Potiguara

Post-Colonial Love Poem and The wind spreads my original voice: possible confluences between the poetics of Natalie Diaz and Eliane Potiguara

Izabela Guimarães Guerra LEAL*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marina Beatrice Ferreira FARIAS**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O presente artigo pretende identificar algumas confluências entre as poéticas de Natalie Diaz e Eliane Potiguara, tomando como base os livros *Poema de amor pós-colonial* (2022) e *O vento espalha minha voz originária* (2023), respectivamente. Por se tratar de dois livros escritos por mulheres indígenas, partimos do pressuposto de que o conceito de confluência, proposto pelo intelectual quilombola Nego Bispo dos Santos, se adequa à proposta comparativa entre as duas autoras, tendo em vista que elas, embora pertencentes a contextos étnicos distintos, escrevem a partir de uma perspectiva que questiona alguns parâmetros impostos pela colonialidade. Natalie Diaz é norte-americana, nascida em uma reserva indígena na cidade de Needles, no Colorado, e pertence ao povo Mojave. Já Eliane Potiguara é brasileira, nasceu em contexto urbano, fora das terras tradicionais do povo Potiguara, na Paraíba, após seus antepassados migrarem em função de um processo diaspórico. Além dessas particularidades, a leitura dos poemas evidencia também que a perspectiva de corpo-território se apresenta como um tema transversal em suas poéticas, temática discutida a partir das contribuições de Verónica Gago (2020) e Haesbaert (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Poemas. Natalie Diaz. Eliane Potiguara. Confluências. Corpo-território.

ABSTRACT: This article aims to identify some confluences between the poetics of Natalie Diaz and Eliane Potiguara, based on the books *Poema de amor pós-colonial* (2022) and *O vento espalha minha voz originária* (2023), respectively. Since these are two books written by Indigenous women, we assume that the concept of confluence, proposed by the quilombola

* Izabela Guimarães Guerra Leal, professora da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPA). Email: izabelaleal@gmail.com

** Mestranda em Estudos Literários, na linha de pesquisa Poéticas e Cosmologias Indígenas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, Pará. E-mail: fmarina377@gmail.com

intellectual Nego Bispo dos Santos, is appropriate for the comparative proposal between the two authors, considering that they, belonging to distinct ethnic contexts, write from a perspective that questions some parameters imposed by coloniality. Natalie Diaz is American, born on an Indigenous reservation in the city of Needles, Colorado, and belongs to the Mojave people. Eliane Potiguara is Brazilian, born in an urban context, outside the traditional lands of the Potiguara people, in Paraíba, after her ancestors migrated due to a diasporic process. Beyond these particularities, the reading of the poems also shows that the body-territory perspective emerges as a transversal theme in their poetics, a theme discussed based on the contributions of Verónica Gago (2020) and Haesbaert (2020).

KEYWORDS: Poetry. Natalie Diaz. Eliane Potiguara. Confluences. Body-territory.

Viagem

Não são Américas!

São Terras Sangrentas de meu coração.

Eliane Potiguara.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar as possíveis confluências entre as poéticas de Natalie Diaz, poeta mojave norte-americana e vencedora do prêmio Pulitzer em 2021, e Eliane Potiguara, escritora indígena brasileira, doutora *honoris causa* da UFRJ. As obras e trajetórias de vida das autoras apresentam semelhanças pelo fato de ambas serem mulheres indígenas que atravessaram situações de vulnerabilidade, de modo que os temas da violência, da fome, da marginalidade social e do racismo estão presentes em seus livros.

Apesar das semelhanças, também se destacam as diferenças existentes nos contextos de vida das autoras, já que Natalie Diaz nasceu na cidade de Needles, nos EUA, e pertence ao povo Mojave, enquanto Eliane Potiguara nasceu no Rio de Janeiro, após sua família migrar das terras ocupadas pelo povo Potiguara, situadas na Paraíba. Portanto, as referências aos saberes tradicionais dos seus lugares de origem se apresentam de modo particular e diferenciado na poesia de cada uma delas. Enquanto Diaz cresceu dentro do território tradicional, Potiguara cresceu fora da aldeia, mas retornou a ela depois de adulta, efetuando um processo de (re)conhecimento identitário. A temática do deslocamento das terras originárias é frequente na poesia de Potiguara, já Natalie Diaz revela uma preocupação com os impactos ambientais em seu território. Para ambas, a noção de corpo-território é um elemento chave que sinaliza o modo de ser e estar no mundo, sendo o ponto de confluência que interliga a poesia de ambas as autoras.

Nesse sentido, percebemos que a experiência do corpo-território se apresenta como um pensamento contra-hegemônico em relação à perspectiva ocidental. Nesta última, o território é concebido pelo seu valor de uso e capacidade produtiva, cujo foco se mantém na lógica extrativista. Na contramão dessa linha de raciocínio, a ideia de corpo-território engloba, de forma complexa, a “Terra como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades – aos quais estamos inexoravelmente atrelados.” (Haesbaert, 2020, p. 2). Portanto, o lugar estaria interligado de forma indissociável a quem nele vive, sejam humanos ou não, incluindo as cosmologias e universos simbólicos dos mais diversos seres.

Segundo essa perspectiva, a ideia de corpo-território se relaciona por meio de uma complementaridade ao território-corpo, já que o primeiro seria o corpo humano como elemento integrado à natureza, e o segundo seria o próprio corpo da terra. Nas cosmologias indígenas, essa visão está presente em textos oriundos de diferentes grupos étnicos, tais como *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, até publicações como as de Ailton Krenak, Sandra Benites Guarani etc.

O intelectual Nego Bispo dos Santos, no ensaio *Somos da Terra* (2018), reflete acerca das relações que os seres humanos estabelecem com o mundo a partir do modo como constituem os seus saberes, diferenciando o “saber orgânico”, relacionado às comunidades tradicionais, do “saber sintético”, vinculado às ciências ocidentais, tecnocráticas ou acadêmicas: “somos operadores do saber orgânico e os colonialistas são operadores do sintético.” (Santos, 2022, p. 6). Segundo ele, essa primeira forma de produção de saberes envolve o ser, a segunda, o ter. Ele explica também que o saber sintético tem o objetivo de produzir de forma desenfreada. Na contramão disso tudo, os saberes orgânicos estão vinculados à existência dos povos tradicionais em seus territórios, valorizando práticas como a oralidade e princípios como a coletividade e o contato com a natureza.

Do mesmo modo, o conceito de “confluência” foi elaborado por Nego Bispo a partir do movimento dos rios. O termo “confluência” sugere “mundos diversos que podem se afetar” (Krenak, 2022, p. 22) e é nesse sentido que proporemos algumas aproximações entre as poetas Natalie Diaz e Eliane Potiguara, que, mesmo estando situadas em contextos urbanos e oriundas de territórios massacrados pela presença colonialista, escrevem a partir de perspectivas atreladas às cosmologias de suas comunidades

originárias. A confluência existente entre as obras das poetisas se manifesta pelos saberes oriundos de seus povos e também pelo fato de esses saberes se afirmarem segundo uma perspectiva contracolonial. Além disso, destaca-se a importância das águas nas poéticas das duas autoras.

Nos poemas de Natalie Diaz é possível perceber a relação com o rio Colorado, sendo o próprio corpo entendido como uma extensão do rio, de modo que a seca causada pelo represamento oriundo das hidrelétricas desencadeia um impacto ontológico na vida dos Mojave. Nos poemas de Eliane Potiguara, a relação com o território se dá de modo diferente, já que a escritora nasceu em contexto urbano, devido ao processo de diáspora atravessado por seus familiares. No poema “Pedacos de minha aldeia”, por exemplo, presente em *O vento espalha minha voz originária*, o corpo aparece como resquício do território ancestral, carregando as marcas de uma espoliação coletiva.

Levando em consideração que as autoras desses poemas são de tradições e universos simbólicos diferentes, além das diferenças continentais, fez-se um esforço para aproximar seus textos, não com o intuito de gerar uma convergência, mas sim uma confluência. Portanto, o intuito não é homogeneizar as experiências de pessoas e povos diferentes a partir de um único conceito, mas observar como esses universos se afetam, entendendo a noção de corpo, segundo a pesquisadora e cientista social Verónica Gago, como “composição de afetos, recursos e possibilidades que não são “individuais”, mas se singularizam” (Gago, 2020, p. 72), levando igualmente em consideração as questões contracoloniais que perpassam a escrita de ambas as autoras. As obras a serem analisadas são as publicações mais recentes das escritoras, sendo que *Poema de amor pós-colonial* (2022), de Natalie Diaz, foi publicado pela primeira vez nos EUA em 2020 e traduzido e publicado no Brasil em 2022. Já *O vento espalha minha voz originária*, de Eliane Potiguara, teve sua primeira publicação em 2023, sendo o oitavo livro da escritora.

1 Escrita e contracolonialidade em Eliane Potiguara e Natalie Diaz

As ideias de Nego Bispo em torno dos “saberes orgânicos” evocam a necessidade de compreendermos a noção de natureza para os povos tradicionais, tendo em vista que ela não é forjada segundo os mesmos princípios do pensamento moderno/colonial. O antropólogo Felipe Sussekind, em seu ensaio *Natureza e cultura: sentidos da diversidade*

(2018), discute a forma como o conceito de natureza foi concebido na antropologia clássica em contraposição à ideia de cultura. Segundo o autor, a tradição do pensamento clássico delimitou a natureza como um objeto cuja área de interesse seriam as ciências naturais, e a cultura e sociedade humanas como objeto de estudo das ciências humanas. Portanto, a cisão entre natureza e cultura fundamenta a divisão entre as áreas de conhecimento. No entanto, Sussekind reforça que esse par conceitual vem sistematicamente sendo questionado a partir do contato com o pensamento de povos não-ocidentais. Do mesmo modo, o lugar da natureza nas ciências vem sendo repensado.

Bruno Latour, no ensaio “Sobre a instabilidade (da noção) de natureza”, presente no livro *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno* (2020), afirma que essa perspectiva dicotômica agravou o descaso da sociedade diante da crise ecológica global que a humanidade vem atravessando, de modo que os impactos causados pela ação humana na natureza foram encarados com distanciamento nas últimas décadas. Nessa linha de raciocínio, a ideia de corpo-território se apresenta como uma proposta contra-hegemônica, posto que não retroalimenta essa dicotomia, uma vez que sugere o enfrentamento dos projetos extrativistas e de destruição ambiental.

Além da dicotomia entre natureza e cultura, o mundo ocidental estabelece também uma cisão entre as noções de moderno e tradicional, como se os saberes tradicionais de um povo fossem sempre contrários ao movimento da modernidade, relegando a tradição a uma espécie de passado a ser vencido, atualizado ou mesmo esquecido. Essa perspectiva se insere no modelo de pensamento desenvolvimentista dos projetos políticos que Ailton Krenak critica em *Futuro Ancestral* (2020), como sendo o gerador da homogeneização que dissolve as especificidades de cada povo.

Percebemos ainda essa dicotomia presente no senso comum, quando indígenas têm seu pertencimento étnico questionado com a justificativa de que aderiram a tecnologias ou hábitos advindos da modernidade, como se os mesmos deslegitimassem as práticas originárias. Essa ideia equivocada vem sendo rebatida por pensadores como Nego Bispo e Ailton Krenak, que enfatizam a ausência dessas cisões no pensamento indígena. As cosmovisões ancestrais permanecem vivas e inseridas na contemporaneidade mesmo frente às mudanças causadas pela espoliação. Desse modo, migrar para o contexto urbano e vivenciar as práticas de uma realidade contemporânea

cidadina não significa relegar as tradições originárias ao passado e esquecê-las, como se evidencia nos textos de Natalie Diaz e Eliane Potiguara.

Na poesia de Natalie Diaz, práticas urbanas como o jogo de basquete aparecem de forma concomitante a outras práticas tradicionais dentro da reserva indígena. Inclusive, o esporte é trazido como tema central no poema “Pele-luz” e no texto em prosa “Corre e atira”, presentes em *Poema de amor pós-colonial* (2023), sendo que no primeiro o jogo é associado aos movimentos de um animal em seu habitat natural, como o jaguar. Já a presença de uma cosmopercepção originária do povo Mojave se manifesta no poema “A primeira água é o corpo”, como veremos adiante. De modo semelhante, Eliane Potiguara nasceu e cresceu em contexto urbano e periférico, mas a cosmovisão de seu povo lhe foi transmitida por sua avó. Ambos os casos demonstram práticas ancestrais e tradicionais vivas na contemporaneidade. A tradição de um povo resiste na e à modernidade e configura-se como um poder contracolonial.

A possibilidade de escrever na língua do colonizador passou a desempenhar um papel também contracolonial, à medida que escritores indígenas registram suas cosmovisões e saberes, bem como suas trajetórias de vida. Tendo em vista que a escrita e a literatura historicamente estiveram associadas a uma classe dominante, colonialmente reconhecida como detentora da “cultura”, entende-se que a apropriação da língua escrita pelos povos indígenas gera um movimento contrário à manutenção das relações de poder historicamente construídas pelo processo de colonização. Essas produções literárias de autoria indígena são permeadas por suas perspectivas de mundo, ocorrendo inevitavelmente a ruptura com um padrão de produção mais conservador, seja através das formas adotadas nos textos ou ainda nas temáticas escolhidas. No caso de Natalie Diaz, alguns poemas apresentam uma forma híbrida entre poema e ensaio. Já Eliane Potiguara costuma intercalar relatos de vida e poemas em suas obras.

Na apresentação de *Poema de amor pós-colonial*, no site da editora Círculo de Poemas, a pesquisadora Trudruá Macuxi¹ comenta a obra de Natalie Diaz, ressaltando a importância da escrita como ferramenta política. Atualmente, os autores indígenas vêm se destacando no cenário cultural, conquistando um espaço simbólico, político e mercadológico que até a primeira metade do século XX era inexistente. Trudruá Macuxi

¹ A pesquisadora Trudruá Macuxi assinava anteriormente seu nome como Julie Dorrico. No site da editora Círculo de Poemas, pela qual o livro de Natalie Diaz foi publicado no Brasil, consta na apresentação do livro a assinatura anterior de Trudruá. Neste trabalho, optamos por seguir a nomeação atual adotada por ela.

comenta esse processo que vem ocorrendo no Brasil e em outros países que passaram pelo processo de colonização, como Brasil e Estados Unidos, ambos pertencentes às Américas, também chamadas politicamente de Abya Yala:

Quando nós, indígenas de Abya Yala (como chamamos politicamente as Américas), pudemos escrever com o alfabeto latino, fomos perscrutados, enquadrados e até ameaçados de trair nossa tradição oral. A escrita, um direito universal apregoado, chegou de modo tardio para nós. [...] Mas vivemos outros tempos, graças às lutas de nossos antepassados. Agora falamos, pelos livros, sobre experiências ausentes em literaturas nacionais, tais como nossas famílias; amores conjugais, fraternos e territoriais; espiritualidades; e de como fomos, absolutamente todos, atravessados pela experiência colonial-imperial. (Dorrigo, 2022, meio eletrônico).

Na citação acima, Trudruá Macuxi reforça o legado da tradição oral para os povos originários. É importante lembrar que as artes verbais sempre fizeram parte da cultura oral desses povos, se re-atualizando com o passar do tempo na voz de seus narradores. Já a relação tardia com a escrita, como exposta por Trudruá Macuxi, se deu sobretudo pelo processo colonial.

2 O corpo-território e suas confluências

Na escrita de Natalie Diaz, o corpo se manifesta em sua presença/ausência, marcado pela questão racial na sociedade norte-americana. O genocídio surge diretamente ligado à violência provocada pelo estado, associado sobretudo à morte de indígenas causada pela polícia na contemporaneidade. É bem verdade que as invasões colonialistas foram responsáveis pelo extermínio de grande parte dos povos originários, porém, esse extermínio se perpetua na atualidade através de políticas estatais e da polícia. Essa realidade entra em discussão na leitura dos poemas de Natalie Diaz, que assumem um caráter de denúncia, como se lê em “Aritmética Americana”:

Indígenas são menos de
1 por cento da população dos Estados Unidos,
0,8 por cento de 100 por cento.
[...]
A polícia assassina mais indígenas
do que qualquer outra raça
[...]
Indígenas são 1,9 por cento de todo

genocídio policial, o maior índice racial per capita
[...]
Somos americanos, e somos menos de 1 por cento
dos americanos. Fazemos melhor negócio morrendo
pelas mãos da polícia do que existindo.
[...]
No Museu Nacional do Índio Americano,
68 por cento da coleção vem dos Estados Unidos.
Estou fazendo o melhor que posso para não me tornar um museu
de mim mesma. Estou fazendo o melhor que posso para inspirar e
expirar.
[...]
Mas, em uma sala americana com cem pessoas,
eu sou nativa americana, indígena - menos do que uma, menos do que
uma
inteira - eu sou menos do que eu mesma. Apenas uma fração
de um corpo, digamos, *Sou apenas uma mão* -
e quando deslizo por baixo da camisa de quem amo
desapareço completamente.
(Diaz, 2022, p. 28 e 29)

Nesse poema, a presença indígena na sociedade americana está marcada, de início, pela baixa representatividade, revelada por dados estatísticos, e termina de forma ambígua, apontando para a ausência do próprio corpo, como se o mesmo fosse desaparecendo. Esse desaparecimento pode significar a ideia do apagamento dos corpos racializados e a ameaça constante às vidas indígenas, mas também diz respeito à despossessão de si que ocorre na relação amorosa/erótica. Segundo Maria Lugones, a colonialidade do poder “introduz uma classificação universal e básica da população do planeta pautada na ideia de ‘raça’. A invenção da “raça” é uma guinada profunda, um giro, já que reorganiza as relações de superioridade e inferioridade estabelecidas por meio da dominação”. (Lugones, 2008, p. 8). Os processos de dominação que se perpetuam e se reatualizam por meio da colonialidade incidem diretamente sobre a presença indígena na sociedade.

É interessante notar que o poema se organiza a partir de dados estatísticos, apontando para a objetificação do sujeito indígena, reduzido a um valor numérico. No entanto, os últimos versos levam a um deslocamento desse sentido prévio, já que a insinuação de uma relação amorosa, ou mesmo erótica, confere outro tom à temática do desaparecimento do corpo, não se tratando mais de uma invisibilização ocasionada pelos dispositivos de poder, e sim de uma dissolução no corpo do amado. Esse deslocamento sutil inscreve a potência do amor/erotismo como ato de resistência; um gesto que possibilita, na relação com o outro, a construção de um novo espaço subjetivo.

Além da questão racial, a noção de corpo-território surge nesse poema por meio do corpo indígena e de sua relação com a coletividade. Um apagamento coletivo se torna um apagamento individual, e vice-versa. Portanto, a noção de corpo-território engloba o espaço vivido e a rede comunitária nele existente. Verónica Gago comenta a questão do corpo-território no terceiro capítulo da obra *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo* (2020), intitulado “Corpo-território: o corpo como campo de batalha”, no qual ela explica, a partir do feminismo e da noção de colonialidade, que o corpo feminino se configura como um espaço de disputa de poder.

Assim, o capital explora a força de trabalho feminina da mesma forma que explora uma colônia, como um recurso gratuito e disponível a ser utilizado, por meio do trabalho doméstico, camponês ou periférico. Nessa perspectiva sobre o corpo feminino, percebe-se a mesma visão reforçada pela agenda desenvolvimentista, quando afirma que os territórios naturais são espaços de exploração de recursos, sendo o corpo e o território entendidos como objetos. Gago explica também que o conceito de corpo-território permite “ver a partir dos corpos experimentados como territórios e dos territórios vividos como corpos” (Gago, 2020, p. 71).

No poema “Pedaços de minha aldeia”, de Eliane Potiguara, o território aparece despedaçado como o próprio título do poema sugere, e assim também se manifesta o “eu” em sua dimensão emocional, suscitando o entendimento de que o corpo não é apenas o corpo físico, mas tudo que vem junto dele na existência humana, como os sentimentos e as emoções. Assim, entra em questão outra dimensão em torno da ideia de corpo-território, que diz respeito ao fato de que “a exploração dos territórios comuns e comunitários (urbanos, suburbanos, camponeses e indígenas) implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação” (Gago, 2020, p. 71), gerando marcas no campo físico, emocional, psicológico e espiritual. É sobre essa dimensão que se inscreve o poema abaixo:

Minha inspiração não brota da flor
Brota de um amor naufrago
despedaçado
Minha solidão não brota só da dor
Brota de um coração cortado
estraçalhado
Cato todos meus faróis
Junto tudo,
e boto fogo.

(Potiguara, 2023, p. 101)

Na poética de Eliane Potiguara a ideia de ausência é comumente associada a algo que foi retirado, sequestrado. Sua poesia trata também da ausência do território tradicional e da perda de pessoas amadas, tal como ocorreu na história de seus antepassados, marcada pela invasão do território, o assassinato de seu bisavô e o abandono das terras tradicionais sob ameaça de morte. O poema “Pedacões de minha aldeia” evidencia as marcas emocionais que são oriundas do processo de diáspora. A ideia de luz aparece nos últimos três versos quando a poeta se refere ao gesto de “catar todos os faróis e botar fogo” na solidão. Percebe-se o teor de ativismo que permeia a poesia de Potiguara, já que o lamento pela dor se transforma em desejo de ação e convite a uma reação diante das violências sofridas. Nesse sentido, a escrita assume um papel de reordenamento simbólico, sobretudo em relação aos traumas oriundos do processo de colonização.

Nos poemas de Natalie Diaz, a relação com o território se manifesta por meio da cosmopercepção mojave, apesar de a temática da dor e a postura ativa diante dos problemas territoriais também serem marcas evidentes. O poema “A primeira água é o corpo” enuncia uma relação profunda com o rio, com as terras ancestrais, e revela como o impacto da ação humana nas terras do povo Mojave, sobretudo no rio Colorado, gera uma problemática de ordem cosmológica e existencial na vida dos moradores da reserva. A ideia de corpo-território assume outra dimensão, pois, para além do corpo enquanto território político e histórico, ele também pode ser compreendido como uma extensão física e espiritual dos espaços sagrados.

O rio Colorado é o rio mais ameaçado dos Estados Unidos
- e também é uma parte do meu corpo
Carrego um rio. É o que sou: ‘*Aha Makav*. Isso não é uma metáfora
Quando um mojave diz *Inyech ‘Aha Makavch ithuum*,
estamos dizendo nosso nome. Estamos contando uma
história de nossa existência. *O rio corre pelo meio do meu
corpo.*

[...]

‘*Aha Makav* é o verdadeiro nome de nosso povo, dado
a nós por nosso Criador que soltou o rio da terra e o construiu
em nossos corpos vivos.

‘*Aha Makav* significa o rio corre pelo meio do nosso corpo,
do mesmo modo como corre pelo meio de nossa terra.

[...]

Se fui criada para segurar o rio Colorado, para carregar
seu ímpeto dentro de mim, se a própria forma da minha
garganta, das minhas coxas é pela umidade, como posso

dizer quem eu sou se o rio sumir?

O que *Aha Makav* significa, se o rio é drenado até a espinha de seus peixes, até as dunas de areia miniaturizadas de seus leitos secos de silte?

Se o rio é um fantasma, eu também sou?

A sede insaciável é um tipo de assombração.
[...]

De onde eu venho, nós nos limpamos no rio. Quero dizer: A água nos faz fortes e capazes de seguir em frente, com boas energias, em direção ao que está diante de nós.

Não podemos viver bem, não podemos sequer viver sem água.

Se envenenarmos e utilizarmos toda nossa água, como limparemos nossas chagas e enganos? Como vamos lavar o que devemos deixar para trás?

Como nos renovaremos?
(Diaz, 2022, p. 61-68)

Os vários questionamentos postos em cheque no poema de Natalie Diaz revelam a dimensão e o impacto que a seca do rio Colorado gera no povo Mojave. O risco de desaparecimento do rio é sinônimo do risco de desaparecimento do próprio povo. O conceito de corpo-território vem sendo atualizado pelas comunidades latino-americanas, sobretudo aquelas lideradas por mulheres, e entendido, segundo Gago, como “um conceito político que evidencia como a exploração dos territórios comuns e comunitários implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação”. (Gago, 2020, p. 71).

Portanto, na vivência de Natalie Diaz, o impacto da exploração da água no território desencadeia a espoliação da coletividade, afetando também a relação ontológica existente entre o povo Mojave e o universo das águas, já que o mesmo não depende da água apenas para existir no sentido de sobreviver, de beber a água, mas sim no sentido mais profundo de existir. Nesse caso, a luta não é apenas pelos direitos humanos, mas também pelo território e pela natureza. Ailton Krenak, no livro *Futuro Ancestral* (2022), na primeira parte intitulada “Saudação aos rios”, trata da questão dos rios não apenas pelo viés estritamente ambiental, mas pelo papel existencial, espiritual e afetivo que eles exercem para os povos indígenas:

A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e

experiência de pertencer. [...] esses rios que invoco aqui estão sendo mutilados: cada um deles tem seu corpo lanhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem. (Krenak, 2022, p. 10-12).

Krenak trata do que Haesbaert (2020) chama de território-corpo (da terra), ressaltando a alternância entre os termos “corpo” e “território”, “pois se trata sempre de uma perspectiva relacional, ora privilegiando a direção que vai do corpo-território à terra, ora da terra-território ao corpo” (Haesbaert, 2020, p. 8). Quando o território-corpo da terra é ferido, inevitavelmente a coletividade que nele vive e dele depende também é violada. Nas palavras de Nego Bispo, a relação entre a terra e os povos tradicionais se explica da seguinte maneira: “Os contratos do nosso povo eram feitos por meio da oralidade. A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra. Não dizíamos ‘aquela terra é minha’ e, sim, ‘nós somos daquela terra’”. (Bispo, 2020, p. 1). O poema “Germinar”, de Eliane Potiguara, reforça essa ideia, demarcando o corpo como parte da terra e indo na contramão de um pensamento que promove o distanciamento entre o ser humano e a natureza.

Folhas brotam no peito.
Águas correm na mente
Terra vibra aos ouvidos
Flores nascem dos sexos
Olhos se espreitam n'alma:
Doce calma, doce ardor, doces vidas,
doces ventos, doces êxtases.
Sexos, êxtases.
(Potiguara, 2023, p. 110)

A ideia de doçura, presente no poema, está intrinsecamente interligada à de corpo-território, como se as partes do corpo fossem vegetais, sendo o corpo uma extensão da natureza e vice-versa. Esse estado de conexão surge como sinônimo de renovação, expresso nos versos: “folhas brotam no peito/ águas correm na mente”, sugerindo um corpo que se renova, se desenvolve, como ocorre numa floresta em que a terra, a água e as árvores estão interconectadas. O poema também sugere esse corpo-natureza como elemento apaziguador. Já o tema do amor se apresenta não apenas de modo erótico, mas como algo mais amplo, apontando também para a ideia de conexão e espiritualidade.

A ideia de florescimento presente no verso “Flores nascem dos sexos” faz referência à fertilidade. Portanto, ao mesmo tempo que a fertilidade ocorre no ciclo do corpo feminino, ela também ocorre no ciclo das estações presente na natureza, com a primavera. A opção da autora em associar as flores a essa parte do corpo é sugestiva,

posto que nesta associação também podemos perceber a noção relacional de corpo-território, existente entre o ciclo reprodutivo humano e a reprodução das plantas. Na poética de Potiguara está presente a renovação que conecta a vida aos ciclos naturais, sendo o corpo uma parte da terra que se transforma, assim como o corpo carrega o rio no verso “O rio corre pelo meio do meu corpo”, do poema “A primeira água é o corpo”, de Natalie Diaz. Portanto, na poética dessas autoras, o corpo surge como um território por onde passa o caminho das águas e brota como um vegetal na terra úmida.

Considerações Finais

A confluência entre as poéticas de Natalie Diaz e Eliane Potiguara permite pensar as múltiplas formas pelas quais os corpos são afetados pelo seu entorno, marcando um encontro de pensamentos que se diferenciam por seus contextos, mas se aproximam em termos de suas cosmovisões. Seja pela escrita ou pela relação com a terra, com o vento, com as águas e com a floresta, ambas as poetisas disseminam as vozes originárias das Américas em tom de ativismo e aliança afetiva. Ao mesmo tempo, a luta contra o processo colonial que ainda segue em curso têm como propósito a defesa do território, que significa também a defesa do próprio corpo e vice-versa. Nesse sentido, o conceito de corpo-território se apresenta como uma importante ferramenta para trilhar um caminho contra-hegemônico, ligado ao pensamento e às cosmologias dos povos originários. A poesia e a escrita, dentro dessa dinâmica, inscrevem seu papel político e existencial como estratégia de resistência, tanto da subjetividade quanto do ciclo da vida.

REFERÊNCIAS

DIAZ, Natalie. **Poema de amor pós-colonial**. Tradução de Rubens Akira Kuana. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.

DORRICO, Julie. **Sobre o livro**. São Paulo: Círculo de Poemas - editora Fósforo. 2022. Disponível em: <https://circulodepoemas.com.br/produto/poema-de-amor-pos-colonial/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GAGO, Verónica. **Corpo-território: o corpo como campo de batalha**. In: GAGO, Verónica. *A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo*. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais**. GEOgraphia, 22(48), 75-90, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno. **Sobre a instabilidade (da noção) de natureza**. In: LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo, Ubu. 2020.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero**. Rio de Janeiro: editora Bazar do tempo, 2008.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

POTIGUARA, Eliane. **O vento espalha minha voz originária**. Rio de Janeiro: Grumin, 2023.

SANTOS, Antonio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SÜSSEKIND, Felipe. **Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade**. Interseções: Revista De Estudos Interdisciplinares, n. 20, v. 1, jan-jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/irei.2018.35915>. Acesso em: 19/01/2025.